

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO EDIFICAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	Q30	09
	UF	SÍTIO-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

DATA	22/05/2007	INÍCIO	10:04	TÉRMINO	11:39
ENTREVISTADOR	Jucielto Ferreira Alexandre	SUPERVISOR	Olga Paiva		

2. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Município de Barbalha
LOCALIDADE	Barbalha
MUNICÍPIO / UF	Barbalha / CE.

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Igreja de Nossa Senhora do Rosário
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Igreja do Rosário
ENDEREÇO	Praça do Rosário
PROPRIETÁRIO	A edificação pertence à Paróquia de Sto. Antônio de Barbalha
AUTOR DO PROJETO	Desconhecido.
CONDIÇÃO ATUAL	☒ ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA
CATEGORIA	☐ CIVIL ☐ MILITAR ☒ RELIGIOSA ☐ INSTITUCIONAL ☐ INDUSTRIAL ☐ COMEMORATIVA ☐ MOBILIÁRIO URBANO OU OBRA DE ARTE
ÉPOCA DA CONSTRUÇÃO	O início da construção se deu em fins do século XIX, quando a pedra fundamental foi lançada, em junho de 1892. Contudo, a obra ficou parada por muito tempo, sendo que só foi inaugurada em 02 de fevereiro de 1921.
PROTEÇÃO EXISTENTE	Não há nenhum tipo de tombamento.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	Q30	09
---	-----------	-----------------	-----------------	-----------	------------	-----------

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME	Maria Aída Sampaio Tavares				Nº	A4 115		
COMO É CONHECIDO(A)	Aída	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	19/08/1936	SEXO	☐ MASCULINO ☒ FEMININO			
ENDEREÇO	Rua Major Sampaio, 277.							
TELEFONE	Residência: (88) 3532-1653 Celular: (88) 8825-8083	FAX	Não há.	E-MAIL	Não há.			
OCUPAÇÃO	Aposentada, se dedica, atualmente, ao lar.							
ONDE NASCEU	Barbalha.	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	19/08/1936					

NOME	Maria Isolda Livônio Sampaio				Nº	A4 116		
COMO É CONHECIDO(A)	Isolda	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	05/10/1943	SEXO	☐ MASCULINO ☒ FEMININO			
ENDEREÇO	Rua Zuca Sampaio, 58.							
TELEFONE	(88) 3532-1064	FAX	Não há.	E-MAIL	Não há.			
OCUPAÇÃO	Professora aposentada, se dedica, atualmente, ao lar.							
ONDE NASCEU	Barbalha.	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	05/10/1943					

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	Q30	09
---	-----------	-----------------	-----------------	-----------	------------	-----------

5. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

QUAL SUA RELAÇÃO COM A EDIFICAÇÃO QUE É TEMA DESTA ENTREVISTA?

As duas entrevistadas são primas e administraram a Igreja do Rosário de 1989 a 2004, quando passaram o templo à Paróquia de Sto. Antônio de Barbalha.

A edificação foi erigida, entre fins do século XIX a 1921, em terreno doado pela família Sampaio, uma das mais tradicionais de Barbalha. Coube, inclusive, a dois membros desta família – José de Sá Barreto Sampaio, conhecido como Zuca Sampaio (avô das entrevistadas) e Antônio Correia Sampaio Filgueiras (Totonho Filgueiras) –, a arrecadação de dinheiro para a realização da obra, bem como a direção da construção.

Segundo Aída Sampaio Tavares, os amigos Zuca Sampaio e Totonho Filgueiras, atuaram “corpo-a-corpo” para a concretização do templo: “(...) dizem que até ajudar a carregar pedras, eles ajudaram. Quer dizer, que era uma coisa, assim, de toda população”. Para conseguir o intento, instituíram um programa de subscrições anuais, onde “as pessoas se comprometiam, como se fosse o pagamento de um aluguel”. Ainda segundo a entrevistada, a contribuição seria proporcional à condição social das pessoas: “(...) os mais ricos davam mais e os mais pobres davam menos. Mas, todo mundo, a cidade inteira, contribuiu, não só com a parte do dinheiro, como também no trabalho, né, uma coisa assim... um mutirão para fazer essa igreja”.

Inaugurado o templo, em 02 de fevereiro de 1921, a família Sampaio continuou cuidando do mesmo, já que Zuca Sampaio habitava um casarão localizado atrás da igreja. Inclusive, a chave ficava com ele. Essa ligação dos Sampaio com o Rosário, ao longo do tempo, fez com que a edificação fosse julgada como propriedade privada daqueles. Contudo, as entrevistadas afirmam ter encontrado uma escritura que nega tal tese. Segundo o documento, o terreno teria sido doado pelo avô à Paróquia de Sto. Antônio, o que faria do Rosário propriedade desta.

Todavia, o tal documento ficou esquecido, durante décadas, a ponto da própria Paróquia e os Sampaio, aparentemente, desconhecê-lo. Nestas condições, a família manteve-se como guardião da edificação, sendo que, durante a maior parte do século XX, Dona Alacoque Sampaio, cronista, poetisa e devota de Nossa Senhora do Rosário, ficou à frente da administração. Faleceu no ano de 1994, recebendo sepultura no interior da Igreja do Rosário [Consultar o campo 11].

Em fins da década de 1980, Dona Alacoque, já sentindo-se encapacitada para continuar cuidando do Rosário, tinha passado a administração para as sobrinhas Aída e Isolda, nossas entrevistadas. Segundo Isolda, em 1989 elas assumiram oficialmente o templo, pois, antes disto já estavam, de certa forma, à frente da igreja. Por esta época, organizaram uma espécie de associação para gerir a igreja, bem como prestar contas à Paróquia de Sto. Antônio. Isolda era a presidente e Aída a tesoureira.

Nas palavras de Aída, a Igreja do Rosário “era absolutamente autônoma, quer dizer, a paróquia [de Sto. Antônio de Barbalha] não gastava um centavo” com a edificação. Todavia, afirma a entrevistada, tudo era relatado minuciosamente à paróquia: “(...) eu era quem, porque... como era a tesoureira, eu ficava com o cartão [do banco], com o talão de cheques. Mas, tudo era depositado, quer dizer nesta poupança, que tinha na Caixa Econômica”. Segundo Isolda, “a Igreja [paroquial] tinha acesso aquela conta”. Os próprios extratos bancários desta conta eram endereçados à Paróquia, e não às residências das administradoras. A preocupação de Aída e Isolda era prestar contas ao pároco de tudo o que entrava – através das coletas em dias de missa e das campanhas e rifas promovidas durante a Festa do Rosário, no mês de outubro – e saía – pagamento de contas (água e luz) e funcionários (alguns com carteira assinadas pela associação), além de gastos com o sistema de som, etc.

No ano de 2004, após encontrarem a escritura, citada acima, as entrevistadas, em comum acordo, resolveram repassar a administração da Igreja do Rosário à Paróquia de Sto. Antônio.

6. DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA

OBS.: O CONJUNTO DE CAMPOS QUE FORMAM O ITEM 6: DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA NÃO SERÁ OBJETO DE ENTREVISTA, MAS DE ANÁLISE ARQUITETÔNICA. PROCEDER CONFORME SOLICITADO NOS DIVERSOS CAMPOS, RECORRENDO AO MANUAL DO INBI SE NECESSITAR DE INFORMAÇÕES ADICIONAIS.

1.1. AMBIÊNCIA

Ver campo das observações.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	Q30	09
---	-----------	-----------------	-----------------	-----------	------------	-----------

1.2. CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS

Ver campo das observações.

1.3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Apresenta bom estado de conservação.

1.4. BENS MÓVEIS E INTEGRADOS

Ver campo das observações.

2. SENTIDOS REFERENCIAIS**2.1. QUAL É A ORIGEM DESTA EDIFICAÇÃO?**

As entrevistadas narraram a história da Igreja do Rosário baseadas em relatos de familiares e no livro de crônicas "Casa de Mãe Iaiá III", de autoria de Alacoque Sampaio.

O desejo de construir um templo em louvor a Nossa Senhora do Rosário em Barbalha, teria nascido no início do século XIX, entre os escravos da localidade. A santa era a padroeira dos cativos e era comum, em todo Brasil, a reunião destes em torno de irmandades religiosas dedicadas à Virgem do Rosário. Barbalha não fugiu a tradição, já que, no ano de 1860, lá era fundada a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

Segundo Aída, esta irmandade teria feito os alicerces de um templo dedicado à padroeira. Contudo, o projeto não teve continuidade, devido alguns problemas enfrentados, tais como a falta de recursos e fortes chuvas ocorridas na época. Isolda acrescentou que, provavelmente, esses alicerces não teria sido feitos no lugar onde hoje se encontra a Igreja do Rosário, já que, quando criança, costumava ouvir as pessoas se referirem a uma Rua do Rosário, localizada nas proximidades do Cemitério Público, sendo hoje conhecida oficialmente como Rua Senador Alencar. Para Isolda, essa nomenclatura não oficial podia ser uma referência ao local onde os antigos alicerces foram cavados: "Porque só de boca tinha esse nome, porque nunca teve essa Rua do Rosário do nosso tempo pra cá; não existiu". Tal informação é respaldada pelo trecho da Ata de Fundação da Igreja do Rosário [ver campo 11], datada em 02 de fevereiro de 1921, lido, durante a entrevista, por Aída: "A idéia da construção da Igreja do Rosário nasceu há um século, mais ou menos, entre os homens de cor, gente simples, piedosa, congregada, mais tarde, em uma irmandade, a de Nossa Senhora do Rosário, que ansiavam pela criação de um templo dedicado à padroeira de sua associação. Essa idéia, porém, ficou longo tempo incubada na mente dos modestos homens do povo, e pelas vias de 1860, é que chegou a exteriorizar-se em fato, com a escavação dos alicerces, na rua dessa cidade que desde então tomou o nome de Rua do Rosário".

No dizer de Aída, a construção ficou "esquecida durante muitos anos", sendo retomada em 1892, já no local onde atualmente está erigida a Igreja do Rosário, durante o paróquiato do Pe. Cândido dos Santos, responsável pelo lançamento da pedra fundamental da edificação, no mês de junho daquele ano. O interessante é que, aparentemente, nesse momento, José de Sá Barreto Sampaio, conhecido como Zuca Sampaio (avô das depoentes e doador do terreno do Rosário) e Antônio Correia Sampaio Filgueiras (Totonho Filgueiras), assumiram a captação de recursos e a direção da obra. A irmandade negra não estava mais a frente da edificação. Aída lança uma tentativa de explicação para tal substituição: "Um dos motivos que parou, que houve o adiamento da construção do templo, recomeçou só, né, em 1892, (...), é por que houve, com a Abolição da Escravatura, eles [os ex-escravos] se dispersaram (...), pelo menos um grande número saiu de Barbalha. Alguns é que permaneciam". Nesta linha de pensamento, a retomada da construção de um templo à Virgem do Rosário, na década de 1890, passou para as mãos dos familiares das entrevistadas, que organizaram o sistema de subscrições anuais, pelo qual a população de Barbalha se comprometia a fazer doações endereçadas à edificação.

Segundo as entrevistadas, houve ainda outras interrupções na obra: no ano de 1910, um inverno forte sobreveio à cidade, causando o desabamento de parte da paredes e da torre em construção. No ano de 1914, a Sedição de Juazeiro (ver campo 11) e o resultante saque à Barbalha, fez com que diversas famílias deixassem a cidade, entre as quais os Sampaio. A construção parou totalmente, sendo retomada quatro anos depois, em 1918, quando Zuca Sampaio voltou para Barbalha.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	Q30	09
---	----	----------	----------	----	-----	----

Por fim, em 02 de fevereiro de 1921, quando os católicos comemoram a purificação de Maria, a Igreja do Rosário foi inaugurada. A cidade viveu momentos de festa, já que as comemorações duraram três dias, contando com a presença do Bispo Diocesano do Crato, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva e do clero em peso da região do Cariri. Aída narra como foi a cerimônia, iniciada ao alvorecer, às 5:00, do dia 02 de fevereiro: “O bispo, acompanhado de todos esses padres e irmandades, banda de música, partiu da Igreja Matriz [de Sto. Antônio de Barbalha] até aqui [Igreja do Rosário], aí... foi a benção: ele [o bispo] circulou a igreja [do Rosário] todinha, jogando [aspergindo] água benta. Depois, aí cantou salmos apropriados para esse horário na porta da igreja. Depois entrou até o pé do altar [de Nossa Senhora do Rosário], aí, nessa hora mesmo – disse que [a procissão] saiu às cinco de lá [da matriz], então devia ser bem cedinho – foi celebrada a primeira missa. Mas a missa, mesmo que foi para o público mesmo, a missa, vamos dizer, que era mesmo de inauguração [por contar com a participação do povo], foi às dez horas da manhã. E depois, aí a tarde, teve um Te Deum a tarde de ação de graças. Depois a reza do terço. Isso então aconteceu pelos outros dias, então, tudo isso novamente (...).”

Quanto a autoria do projeto arquitetônico da Igreja do Rosário, as entrevistadas disseram nada saber informar. Contudo, Isolda disse que lembra ter ouvido de familiares que a planta da edificação veio de São Paulo, sob encomenda de seu avô. Contudo, se tal afirmação é correta, não se sabe o paradeiro da planta.

As imagens e alguns objetos sacros, tais como o sacrário, presentes no Rosário vieram da França, ainda antes da conclusão da edificação, sendo doação de Cosma Porcina de Sá Barreto, que as entrevistadas julgam ter sido prima de Zuca Sampaio. O altar-mor e os altares laterais – dedicados à Sant’ana e São Joaquim (pais de Maria) e à Santa Teresinha do Menino Jesus –, além do confessionário – que já não existe – foram entalhados em madeira por artesãos barbalhenses. Por meio da leitura de um trecho de crônica de Alacoque Sampaio, Aída relatou o nome dos artistas responsáveis: Manoel Roque, José de Freitas, Luiz Gomes e João Tijubina.

Para as entrevistadas, a Igreja do Rosário é um símbolo da fé da população barbalhense, já que foi o dinheiro destes quem erigiu a edificação, não contando com apoio financeiro do Estado ou da Igreja. Segundo às mesmas, o valor final do templo foi alçado em cem contos de réis, uma verdadeira fortuna, advinda inteiramente do compromisso dos moradores da cidade para com Nossa Senhora do Rosário.

2.2. CONHECE ALGUMA HISTÓRIA SOBRE ESTA EDIFICAÇÃO OU ALGUM FATO NELA OCORRIDO?

Em 02 de fevereiro de 1971, foi comemorado o cinquentenário da inauguração da Igreja do Rosário, e assim como em 1921, três dias de festa tomaram Barbalha. Sobre tal aniversário, informou Aída: “(...) aconteceu em 1971, no mesmo dia dois [de fevereiro]. Começou com tríduo preparatório; então, o primeiro dia era o dia das crianças, o segundo dia, da juventude, e o dia “D” [02/02] era dos casais, entendeu? Uma coisa, teve a presença de nosso bispo diocesano e muitos outros padres”. Entre os sacerdotes presentes no cinquentenário, a entrevistada destaca o Pe. Manoel Macedo – parente dos Sampaio e que esteve presente na celebração de 1921 –, residente em São Paulo, onde era diretor de uma congregação religiosa de freiras, que doaram o rosário que ainda se encontra na imagem da padroeira da edificação em questão.

Isolda relatou uma história humorada sobre a Igreja do Rosário. A edificação sempre esteve à disposição dos movimentos religiosos de Barbalha, servindo como sede da Legião de Maria e da catequese por muitos anos. De modo que, no período em que administrava a igreja, diversos indivíduos tinham cópias de sua chave. Segundo Isolda, era comum, por morar em uma rua exatamente atrás do Rosário, que pessoas a procurassem em sua casa – mesmo em altas horas da noite – após notarem que alguém esquecera a porta do templo aberta. Em uma destas ocasiões, foi acordada com a notícia de que alguém estava trancado dentro da igreja: “Uma vez foi engraçado. Eu tava [estava] aqui [em casa], assim, já deitada e alguém bateu [na porta da casa de Isolda], que tinha uma pessoa dentro da igreja, que batia na porta por dentro. E como é que a gente ia cuidar daquilo? Sei que fui com Zé Marcondes [esposo] e arranjamos não sei quem [risos]. Acordados: ‘Vamos ver quem é’. Chamei meu irmão [que mora ao lado] aqui, Vinícius, e fomos abrir. Como que a gente ia abrir essa igreja? ‘Quem é que está aí dentro?’ E era um cachorro [riso]. Coitadinho, tava fechado dentro, batendo nas portas. Pense a aflição”. A entrevistada temia encontrar o pior dentro da igreja e a única coisa que encontrou foi um pobre cachorro que fora esquecido dentro da edificação.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	Q30	09
---	-----------	-----------------	-----------------	-----------	------------	-----------

2.3. QUAIS FORAM AS PRINCIPAIS MUDANÇAS QUE OCORRERAM NESTA EDIFICAÇÃO? QUANDO E PORQUE OCORRERAM?

Até 1952, a parte aos fundos da Igreja do Rosário, onde funciona uma espécie de sacristia, possuía apenas um andar, de forma que o teto, alto no corpo da igreja, acabava declinando nesta parte, até encontrar o andar térreo. Alacoque Sampaio, que já administrava o Rosário naquela época, não se conformava com tal coisa, e empreendeu uma campanha, a fim de arrecadar fundos para construção de um primeiro andar, assim equiparando a altura da sacristia com resto da igreja. Segundo Aída, sua tia ligou para todos os amigos de Barbalha que conhecia, pedindo que contribuíssem com a reforma. A campanha foi um sucesso, já que no Natal daquele ano “ocorreu a inauguração desse pedacinho que faltava na igreja (...)”.

Entre fins da década de 1960 e 1970, o Rosário passou por outras reformas, empreendidas sobre a orientação do pároco de Barbalha da época. Isolda relata que as reformas começaram em 1967, já não casara na igreja, no ano de 1968, por conta do prosseguimento de tais obras. Segundo a entrevistada, o piso original era composto por tijolos sextavados, hexagonais, e foi então substituído por “mosaicos”, como o ladrilho hidráulico é conhecido em Barbalha.

Por outro lado, as colunas – bases da série de arcos que compõem as laterais internas do templo – eram mais grossas na parte inferior. Houve, então, um estreitamento destas partes, sendo também revestidas por pedra: “(...) aquelas colunas foram cortadas e ele [o pároco] revestiu com uma pedra, a coluna, porque o povo sujava e tinha que ficar pintando constantemente; então ele revestiu, ainda hoje elas são, assim, com essa pedra (...)”.

As grades de madeiras, localizadas nos arcos laterais e em volta do altar-mor, foram retiradas, na busca de otimizar o espaço interno do templo. Junto com o confessionário, descrito por Isolda como uma linda obra de arte, tais grades foram colocados na parte superior do templo, sendo paulatinamente comidos pelos cupins.

Até mesmo o lustre que marcava, através de um luz vermelha mantida a óleo, a presença do Santíssimo Sacramento no templo, foi retirado na reforma. Tal lustre se encontra atualmente em das salas da casa de Isolda.

2.4. O QUE TORNA ESTA EDIFICAÇÃO IMPORTANTE NA LOCALIDADE?

Uso	QUEM	QUANDO	ONDE
Festa de Nossa Senhora do Rosário / A celebração acontece durante todo o mês de outubro. Uma imagem de Nossa Senhora Rosário visita a casa de noitários, passando um noite e um dia com estes. Às 18:00 horas de cada dia, a imagem é levada em procissão até o templo, lá sendo então realizado o recitar do terço. Às 19:00 há uma celebração eucarística. Ao final desta, a imagem é levada em procissão para outra casa. No último dia do mês, ocorre o encerramento da festa, com a coroação da imagem de Nossa Senhora do Rosário.	A população de Barbalha.	Durante todo mês de outubro.	Na Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

OBS.: Apesar de não ter sido citado pelas entrevistadas, a Igreja do Rosário está no roteiro da celebração de Carregamento do Pau da Bandeira de Sto. Antônio, festividade extremamente importante para a identidade cultural dos Barbalhenses. Os carregadores passam com mastro diante do templo, para então pegar a Rua do Vidéo, que desemboca na Rua da Matriz, onde a bandeira de Santo Antônio de Pádua é hasteada, marcando o início dos festejos do padroeiro da cidade.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	Q30	09
---	-----------	-----------------	-----------------	-----------	------------	-----------

3. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES

3.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTA EDIFICAÇÃO?

As entrevistadas indicaram o nome de Napoleão Tavares Neves, já entrevistado neste inventário.

3.2. HÁ OUTRAS EDIFICAÇÕES IMPORTANTES NESTA LOCALIDADE?

LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	CONTATO
A casa de Zuca Sampaio, ao lado da Igreja do Rosário.	Construção do início do século XX, onde morou o principal responsável pela construção da Igreja do Rosário. A planta da casa seria de autoria do mesmo.	Vítor Luna Sampaio (sobrinho de Isolda e atual proprietário do imóvel).

4. REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS LOCALIZADOS OU PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR
ALEXANDRE, Juciêdo Ferreira. Entrevista com Maria Aída Sampaio Tavares e Maria Isolda Livônio Sampaio (Igreja de Nossa Senhora do Rosário). Barbalha/CE, 22/05/2007. 1 fita cassete de áudio (45 minutos). Projeto Cariri (IPHAN/URCA).	Igreja de Nossa Senhora do Rosário.	A2 - 85
SILVA, Amanda Teixeira da. Entrevista com Maria Aída Sampaio Tavares e Maria Isolda Livônio Sampaio (Igreja de Nossa Senhora do Rosário). Barbalha/CE, 22/05/2007. 5 fotografias. Projeto Cariri (IPHAN/URCA).	Igreja de Nossa Senhora do Rosário.	Consultar o CD com imagens deste inventário.

7. MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR
SAMPAIO, Alacoque. A casa de mãe Iaiá. Vol. III.	Livro de crônicas que contém a transcrição da ata de inauguração da Igreja do Rosário.	Com Aída Sampaio Tavares e Maria Isolda Livônio Sampaio.

8. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR

RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA? POR QUÊ?

Não, já que a entrevista foi bastante proveitosa, preenchendo os principais campos deste questionário.

OUTRAS OBSERVAÇÕES

Este questionário foi preenchido a partir do depoimento conjunto de Maria Aída Sampaio Tavares e Maria Isolda Livônio Sampaio, que pediram para serem entrevistadas juntas, já que são muito unidas e administraram a Igreja do Rosário, por mais de uma década.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	Q30	09
---	----	----------	----------	----	-----	----

No campo 5 deste questionário, há o relato de que Alcoque Sampaio, falecida em 1994, foi sepultada no interior da Igreja do Rosário, após a ter administrado durante muitos anos. O sepultamento dá mostras das dúvidas existentes entre Sampaio e Paróquia sobre a real propriedade do templo. Segundo Aída, quando sua tia faleceu, um membro da família teve a idéia de inumá-la no Rosário. Para tanto, Aída e um grupo de sobrinhos, foi em busca do pároco de Barbalha, que se encontrava celebrando em um sítio da localidade. O intuito do grupo era pedir autorização para o sepultamento. O pároco então teria respondido que não havia necessidade da autorização da paróquia, já que o Rosário era “particular”. A família tratou, então, de conseguir a autorização judicial, necessária a todo sepultamento feito fora dos cemitérios, e inumou, por fim, a devota senhora no corredor à esquerda do altar-mor de Nossa Senhora do Rosário. Em outras palavras, tanto a família quanto a paróquia, aparentemente, não sabiam definir a quem competia o uso do templo. Sobre esta história, humorada, Aída conclui: “(...) Quer dizer, nem precisou da autorização, que ele [o pároco] achava que a igreja era nossa [dos Sampaio]. Aí foi sepultada. Aí nós descobrimos [em tom de riso] que não era... [a partir do encontro da escritura de doação]”.

Os campos 6.1, 6.2, 6.4 não foram preenchidos, pois a referida edificação não está incluída no Inventário de Bens Culturais Imóveis (IBCI) de Barbalha – CE.

No campo 7.1, encontra-se a referência à Ata de Inauguração da Igreja do Rosário (02/02/1921), documento transcrito por Alcoque Sampaio e publicado no seu livro “Casa de Mãe Iaiá III”. Diante das relevantes informações que o documento contém sobre a Igreja do Rosário e sobre as festas dos Reis Congos de Barbalha, segue a transcrição do trecho que foi lido por Aída Sampaio:

“A idéia da construção da Igreja do Rosário nasceu a um século, mais ou menos, entre os homens de cor, gente simples, piedosa, congregada, mais tarde, em uma irmandade, a de Nossa Senhora do Rosário, que ansiavam pela criação de um templo dedicado à padroeira de sua associação. Essa idéia, porém, ficou longo tempo incubada na mente dos modestos homens do povo, e pelas vias de 1860, é que chegou a exteriorizar-se em fato, com a escavação dos alicerces, na rua dessa cidade que desde então tomou o nome de Rua do Rosário. Entretanto, a execução da construção não passou dos alicerces, os quais foram soterrados pelas sucessivas inverniais (...) ficando, contudo, sempre radicada na mente tenaz de seus promotores essa idéia, encarnada num festival anual, fosse no intuito de angariar-se recursos com o resultado da festa, ou fosse unicamente na esperança de que aquela festividade – celebrada, invariavelmente, todos os anos na época do Natal, até o Dia de Reis – lhes avivasse a memória, jamais lhes deixando olvidar o intento, que os anima, da construção de uma igreja. Assim, a festa dos Reis Longos [Congos], entre as classes escravistas de Barbalha, foi um argumento novo de fé. Nela tendiam todas as suas esperanças, de modo a tornar-se os mais fortes e seguros elementos de incrementos, incessantes, da idéia tenaz, cheia de vicissitudes, mas sempre dominante, da construção de um altar a Virgem do Rosário. Há, portanto, a maior oportunidade, nesse momento de auspicioso augúrio (...), em descrevermos a festa dos Reis Longos [Congos] nessa concatenação de idéias que fizeram surgir para concretizar, mesmo os menores detalhes que fazem parte, com as energias empregadas e os sacrifícios feitos, as ânsias e os temores de tempo e trabalho sacrificados, da realidade do fim almejado. As festas dos Reis Longos [Congos] buscava sua origem numa reminiscência lendária, quicá histórica, de fato político, ocorrido em época remota, num recanto obscuro da costa da África. Tinha o cunho característico da lenda, de par com algo de veracidade, de acontecimento rememorado pelos pretos, já deturpado pelos ecos da distância dos tempos. O enredo era simples e versava em torno de uma guerra, na qual um povo ignorado triunfava dos Reis Longos [Congos] e mandava-lhes um embaixador exigindo que o príncipe herdeiro da coroa jurasse fidelidade e afirmasse vassalagem perpétua a seus dominadores, vassalagem, aliás, já imposta e aceita pelos próprios Reis Longos [Congos]. Este rei e rainha apresentavam-se no cenário engalanados a grande uniforme, manto encarnado de fazenda fingindo púrpura pendentes dos ombros, espelho redondo ao peito, fazendo de comenda (...), medalhões de aljófar (...) coroados de coroas de papelão e papel de lacre, que brilhavam ofuscando a vista dos presentes. Tinha a sua corte, composta de guerreiros, empunhando lanças e vestindo todos a grande uniforme, à romana, de cores as mais variadas. Desenrolava-se, então, a cena na qual começava com um combate, ao som de canções guerreiras, na qual era vencido o Rei Congo (...). Aparece, então, o embaixador, trajando calças escarlates, até o joelho, meias pretas, sapatos de entrada baixa, com fivelão, parecendo de ouro, jaleco azul que afogava-lhe junto ao pescoço e caía em compridas abas abaixo da cintura, donde deixava ver suspensa uma espada. O embaixador, em tom arrogante, obtém a confissão da história do rei, exige juramento do príncipe. Rei e rainha, humilhados com a sua soberania, acovardados e miseráveis, imploram ao príncipe o juramento que há de por termo à luta. O príncipe resiste, permanece intransigente, e a rainha, vendo-se perdida, faz um voto à Virgem do Rosário. A resistência do príncipe salva a situação, então trocam-se os papéis. A luta continua, o time das espadas casa-se com as canções dos guerreiros, agora reanimados pela força da vontade de seu chefe, sendo rendido afinal e prisioneiro o embaixador com seu troço”.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	Q30	09
---	----	----------	----------	----	-----	----

Ao longo do texto, aparece a denominação Reis Longos, que julgo incorreta. Provavelmente, ao transcrever o manuscrito, Alacoque Sampaio tenha trocado a letra “c” pela letra “l”, confundindo “Congos” com “Longos”. Tal hipótese é respaldada pela transcrição que o estudioso caririense Irineu Pinheiro fez de um trecho da mesma ata, publicado no seu livro “Efemérides do Cariri”. Ao comparar os dois trechos, percebe-se que outros pontos entram em contradição, tais como a presença, omissão ou troca de palavras. Como não se sabe o paradeiro do manuscrito e a título de comparação e complementação, segue o trecho presente em Irineu Pinheiro. Os pontos em negrito apontam para as diferenças textuais mais significativas em relação ao livro de Alacoque Sampaio.

“O enrêdo era simples e versava em tórno de uma guerra, na qual um povo ignorado triunfava dos **Reis Congos e lhes mandava** um embaixador exigindo que o príncipe herdeiro da Coroa jurasse fidelidade e afirmasse vassalagem perpétua aos seus dominadores, vassalagem, aliás, já imposta e aceita pelos próprios Reis Congos. **Rei e rainha** apresentavam-se no cenário engalanados **com** grande uniformes, manto encarnado de fazenda fingindo púrpura pendentes dos ombros, espelho redondo ao peito, fazendo de comenda, medalhões de aljófar, **ambos os reis** coroados **com** coroas de papelão, **enfeitadas com** papel de lacre, que brilhava ofuscando a vista dos presentes. **Tinham** sua corte composta de guerreiros, empunhando lanças e vestindo todos grande uniforme, à romana, de côres mais **bizarrras e variegadas**. Desenrolava-se, então, a cena que começava por um combate, ao som de **canhões guerreiros, no qual combate** era vencido o Rei Congo. Aparece, então, o embaixador trajando **calções** escarlates, até o joelho, meias pretas, sapatos de entradas baixas, com fivelão parecendo de ouro, **casaca** azul **afogando-lhe** o pescoço e **caindo** em compridas abas abaixo da cintura, **de onde se** deixava ver suspensa uma espada. O embaixador, em tom arrogante, obtém a confissão da **submissão** do rei, exige juramento do príncipe. Rei e rainha, humilhados com a sua soberania, acovardados e miseráveis, imploram ao príncipe o juramento que há de pôr termo à luta. O príncipe resiste, permanece intransigente, e a rainha, vendo-se perdida, faz um voto à Virgem do Rosário. A resistência do príncipe salva a situação, **trocam-se, então**, os papéis, a luta continua, o **tinir** das espadas casa-se com as **canhões** dos guerreiros, agora reanimados pela fôrça da vontade de seu chefe, sendo **vencido e feito** prisioneiro o embaixador com seu trôço” (PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963, p. 534-535).

No campo 7.1, Aída Sampaio faz alusão à paralisação da construção da Igreja do Rosário por conta da “Sedição de Juazeiro”, também conhecida como Guerra de 1914. Ao longo de algumas entrevistas deste inventário, a alusão aos acontecimentos de 1914 foi sendo repetida, o que demonstra o sentimento que alguns barbalhenses guardam para com o evento histórico citado, quando a cidade foi saqueada e diversas famílias a abandonaram. A Guerra de 1914 foi um confronto de âmbito estadual, mas com raízes na conjuntura política nacional. Com a ascensão do Marechal Hermes da Fonseca à presidência do Brasil, no ano de 1910, iniciou-se uma política denominada de “Salvação”. A base da mesma era a substituição das oligarquias estaduais por aliados do presidente. No caso do Ceará, a família Acioli foi substituída pela família Rabelo. Parte dos políticos caririenses, chefiados por Floro Bartholomeu e Pe. Cícero partiram em defesa da família destituída e um confronto com as forças aliadas do novo governo se deu no Cariri. É dentro deste contexto que se deu o referido saque a Barbalha. O resultado final da sedição foi a queda de Franco Rabelo. Contudo, Padre Cícero muito pagou por sua participação no movimento, já que a tensão com as autoridades eclesiásticas ficaram mais fortes desde então. Além disso, seus opositores passaram a classificá-lo como protetor de jagunços e bandidos.

FICHAS ANEXADAS

Consultar A3 e A4.